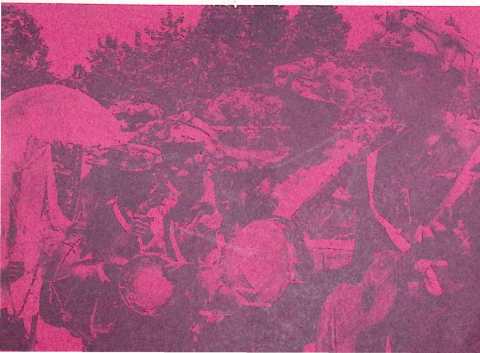


ZAIDE MACIEL DE CASTRO
ARACY DO PRADO COUTO

Folias de Reis



Cabe à CAMPANHA DE DEFESA
DO FOLCLORE BRASILEIRO em
plano nacional:

a

promover registros, pesquisas e levantamentos, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;

b

proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;

c

organizar museus, bibliotecas, filmotecas e centros de documentação;

d

manter intercâmbio com entidades congêneres;

e

divulgar o folclore do Brasil.

Presidente da República Federativa do Brasil
Ernesto Geisel

Ministro da Educação e Cultura
Ney Braga

Departamento de Assuntos Culturais
Diretor-Geral: *Manuel Diégues Júnior*

Fundação Nacional de Arte — FUNARTE
Presidente: *José Cândido de Carvalho*
Diretor-Executivo: *Roberto Parreira*

Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro
Diretor-Executivo: *Bráulio do Nascimento*

Folias de Reis

ZAÍDE MACIEL DE CASTRO
ARACY DO PRADO COUTO



Ministério da Educação e Cultura
Departamento de Assuntos Culturais
Fundação Nacional de Arte-FUNARTE
Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro
Rua do Catete, 179 ZC-01 20.000 Rio RJ

CADERNOS DE FOLCLORE

(Nova série)

1. Edison Carneiro — *Capoeira*, 1975; 2.^a edição, 1977.
2. M. Diêgues Júnior — *Literatura de cordel*, 1975; 2.^a edição, 1977.
3. Renato Almeida — *Folclore*, 1976; 2.^a edição, 1977.
4. Beatriz G. Dantas — *Taicira*, 1976.
5. Maria de Lourdes Borges Ribeiro — *O folclore na escola*, 1976.
6. Luís da Câmara Cascudo — *Mitos brasileiros*, 1976.
7. Raul Giovanni da Motta Lody — *Afoxé*, 1976.
8. Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo — *Medicina Popular*, 1976.
9. Beatriz G. Dantas — *Dança de São Gonçalo*, 1976.
10. Saul Martins — *Arte e artesanato folclóricos*, 1976.
11. Veríssimo de Melo — *O conto folclórico no Brasil*, 1976.
12. Guilherme S. Neves — *Ticumbi*, 1976.
13. José Maria Melo — *Enigmas Populares*, 1976.
14. Beatriz G. Dantas — *Chegança*, 1976.
15. Raul Giovanni Lody — *Pano da costa*, 1977.
16. Zaide Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto — *Folias de Reis*, 1977.

FOLIAS DE REIS

A folia pretende reproduzir a viagem dos Magos a Belém, ao encontro do Filho do Homem.

Os foliões partem à meia-noite, no Natal — quando os Magos teriam recebido o misterioso aviso — e encerram a sua *jornada* no dia dos Reis.

No Rio de Janeiro (RJ), estendem até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião.

Há, assim, duas fases da jornada. A primeira, a dos Reis, que vai até o dia 6 de janeiro, assinala-se pela presença dos Magos na *bandeira*, o estandarte da folia. A segunda, do dia 7 em diante, exige o acréscimo de uma estampa de São Sebastião ao lado da dos Magos. Os cânticos da folia são às vezes diversos em cada fase, aproveitando os mestres, na primeira, os motivos bíblicos da Adoração, da Visita dos Reis, da Fuga para o Egito, etc., e, na segunda, de acordo com a tradição católica popular, tocada pelas concepções correntes nas macumbas cariocas, os padecimentos de São Sebastião.

A folia apregoa o nascimento de Cristo e, teoricamente, dirige-se a Belém, para adorar o Menino, mas os soldados de Herodes — os palhaços — tentam desviá-la do caminho apontado pela Estrela do Oriente.

Parece que, no interior, a folia passava todo o tempo da *jornada* pelas estradas, cantando e folgando em casas amigas, em constante peregrinação. Na região estudada, Estado do Rio, porém, as folias saem apenas aos sábados, domingos e feriados, comparecendo os foliões, normalmente, ao trabalho, nos demais dias do período.

PROPICIAÇÃO DA JORNADA

Reunidos os foliões em casa do mestre, na véspera do Natal, este lhes faz as últimas recomendações de bom comportamento, e, com todos os companheiros, reza fervorosamente pelo bom êxito da jornada que se inicia.

Os foliões cantam ladainhas e fazem as suas orações diante do oratório ou do presépio do mestre e, no dia seguinte, pela manhã, levam a bandeira a benzer a uma igreja — se o vigário o permite — ou a um cruzeiro de estrada. Tanto a dificuldade de obter a bênção nos templos católicos como as exigências — que os mestres consideram descabidas — para a sua concessão fazem com que, em geral, as folias prescindam da Igreja e saiam à rua depois de rezada, apenas, a ladainha na casa do mestre.

Toda vez que a folia se recolhe, os foliões fazem ao menos o Pelo-Sinal e batem a mão no peito, em sinal de agradecimento, ante o oratório ou o presépio do mestre.

VISITAS

A folia presta homenagem aos amigos, levando a sua bandeira e os seus foliões a visitá-los em casa.

Feitos os entendimentos necessários, a folia penetra na habitação, tendo à frente a bandeira, mas deixando de fora os palhaços. O *alferes* posta-se a um canto da sala, com a bandeira voltada para os foliões, se a casa não dispõe de oratório, ou ao lado deste, mas ainda de frente para os foliões, em caso contrário. Forma-se a folia. O costume exige que se cante três vezes, pelo menos, em cada casa — a chegada, em que se declara a intenção da jornada, a de anunciar,

O Jesus, neto de Ana,
que de Maria nasceu,

uma *profecia*, geralmente a Adoração,

Entremos, cantores, entremos
por este salão dorado
Eu vou entrando, eu vou salvando,
e para sempre sejas louvado,
os Três Reis do Oriente
na sombra do seu telhado
Tamos fazend'Adoração
que de Deus samos mandado
Na minha bandêr'eu trago
santo de grande vertude
ele vem le visitá
e vem le trazê a saúde

e o *agradecimento*. Se há na casa *mistério*, isto é, um quadro dos Reis, a folia deve cantar também para os Magos. Somente no caso de o visitado ser pessoa de muita consideração dos foliões, observa-se a ordem acima. O cântico de *chegada* está sendo suprimido, em visitas ocasionais. E, quanto ao *agradecimento*, só se canta ao fim da visita, depois que o chefe da família colocou na bandeira uma nota em homenagem à folia — "a bela oferta" que se agradece:

Deus le pagu'a bel'oferta
que vós deu de coração
Os Três Reis que le ajude
e Deus le ómente as porção

Os palhaços esperam pacientemente a folia na rua, descansando à sombra de alguma árvore, a máscara suspensa, ou fazendo graças para o grupo de pessoas que se reúne, curioso, à porta da casa. Quando os foliões saem, a sanfona, as caixas e o bumbo chamam os palhaços — e estes saltam, dançam, recitam as suas chulas, sob a galhofa das crianças e o sorriso divertido e complacente da família visitada. A despedida se faz depois da brincadeira dos palhaços:

Minha bandêra se adespede,
vai no giro de Belém
Adeus, senhores e senhora,
até pro ano que vem.

O mesmo cerimonia! se usa em homenagem a estabelecimentos comerciais da amizade dos foliões.

MOVIMENTAÇÃO

A folia não sai ao acaso, exceto no seu próprio bairro ou subúrbio — movimenta-se sempre com um objetivo determinado, tendo como pontos de referência, e às vezes de pousada, as casas dos conhecidos e dos amigos.

Toda folia precisá munir-se de licença policial para sair à rua. São as casas dos amigos o estímulo motor para as longas caminhadas, para as incômodas e estafantes viagens em todas as direções da zona estudada, para as penas e os sacrifícios da jornada.

Estes pontos de apoio são, na cidade, comq eram no campo, o grande pretexto da folia.

ENCERRAMENTO

Cabe ao mestre financiar a folia, que organizou a fim de dar cumprimento à sua promessa. Já vimos que as roupas, os instrumentos, a bandeira, lhe pertencem. Em marcha, e durante toda a jornada, as despesas comuns correm também por sua conta. O dinheiro angariado, em visitas, a casas amigas, durante as caminhadas, constitui outra fonte de renda da folia, mas está de antemão comprometido.

Do total obtido alguns mestres destinam parte para a compra ou substituição de instrumentos, para a renovação da vestimenta, para a confecção da bandeira, mas todos os foliões esperam que o dinheiro chegue também para a festa do *remate*, o encerramento solene da folia, quando poderão forrar-se das penas e dos sacrifícios da jornada.

As espórtulas dos amigos têm mesmo esse sentido geral, de contribuição para a festa do remate.

A festa tem lugar em data marcada pelo mestre, geralmente um sábado, logo depois do dia 20 de janeiro ou nos meses seguintes, de acordo com a conveniência de todos.

Os foliões comparecem uniformizados e os palhaços vestem-se a caráter. A festa realiza-se na casa do mestre, que a fez ornamentar festivamente para a ocasião.

Serve-se uma lauta ceia, em que não vigoram as proibições contra a bebida. Os foliões sentam-se a uma mesa com o mestre e o contramestre às cabeceiras, mas os palhaços em geral tomam lugar em mesa separada ou, excepcionalmente, fazem-no somente depois de servidos os foliões. Amigos e conhecidos, a convite do mestre, podem participar do ágape. Antes ou depois da ceia, o mestre comanda uma oração de agradecimento ou faz um pequeno discurso alusivo à jornada.

Terminada a ceia, o alferes toma posição, com o estandarte, diante dos foliões, e, ao som de cânticos, processa-se o desfardamento. Em primeiro lugar, os palhaços, ajoelhados, retiram a máscara e abandonam as suas roupas, colocando-as aos pés da bandeira. Em seguida, um a um, os foliões ajoelham-se e despem os blusões. Os últimos a realizar a cerimônia são, nesta ordem, o contramestre, o mestre e o alferes.

A meia-noite chega o momento culminante da festa — e da folia.

Faz-se a *entrega*.

Os foliões aproximam-se da bandeira e depositam aos seus pés os instrumentos com que, durante toda a jornada, salvaram os

Reis. Em algumas folias, a entrega dos instrumentos é simbólica, já que estes terão de servir na festa de dança que se prolonga até às 6 ou 7 da manhã. A entrega da bandeira se faz por último, ao som do *Canto da Entrega*. O alferes empunha novamente o estandarte e, ajoelhado, o dá à madrinha da folia, geralmente a esposa ou a filha do mestre — a quem já o dava ao regressar das caminhadas da jornada — para que o tenha sob a sua guarda “até pro ano que vem”.

E, misturados com os convivas, mas distinguindo-se deles pelo boné que conservam à cabeça, os penitentes dançam e folgam até o sol raiar...

ORGANIZAÇÃO DA FOLIA

A folia — um sinal de júbilo pelo nascimento de Cristo — organiza-se, em geral, em consequência de promessa, isto é, um compromisso livremente assumido, que obriga a folia a sair um mínimo de sete anos a fim de se conseguir a desejada graça.

O caso mais comum é que a promessa tenha sido feita pelo mestre, mas há também folias que saem por promessa comum de todos os seus componentes e até mesmo de outra pessoa. As promessas têm os mais diversos motivos: cura de doenças, realização de desejos, superação de dificuldades.

A folia constitui-se com amigos, parentes, compadres e aliados do mestre, que se reúnem para a jornada dos Reis. Mulheres e crianças ocasionalmente participam da peregrinação.

Pertencem os foliões, em geral, a famílias que, no interior, patrocinaram, colaboraram ou participaram de folias. E esta tendência continua a desenvolver-se. Os filhos, ao nascer, já encontram os pais dedicados, de corpo e alma, à jornada dos Reis.

FIGURANTES

Os figurantes da folia são chamados, em conjunto, foliões, mas, havendo necessidade de especificar, dividem-se em foliões e palhaços.

Os primeiros, uniformizados, são cantores e músicos e, durante a jornada, marcham a passo descansado em formação militar, acompanhando a bandeira. Os segundos são principalmente dançarinos e cômicos, ficam em segundo plano em relação aos foliões, sofrem uma série de restrições que serão estudadas a seu tempo, mas vestem-se do modo que desejam e contam chulas, à sua vontade, quando chega a sua vez.

O grande número de figurantes de algumas folias exigiu o aparecimento do *fiscal*, cidadão incumbido de zelar pela boa ordem durante a jornada e de solucionar as questões que por acaso surjam. Uma ou outra vez usa-se o coletivo *compania* para designar a totalidade dos foliões.

MESTRE

O chefe da folia é o *mestre*.

Tendo-a organizado a fim de cumprir a promessa que fez, sobre os seus ombros recaem todas as responsabilidades da jornada. Os instrumentos lhe pertencem; a vestimenta dos foliões foi comprada com o seu dinheiro; a bandeira foi confeccionada de acordo com as suas instruções; os cânticos são de sua autoria; o roteiro a percorrer pela folia, com as alterações que as circunstâncias imponham, depende dele; cabe-lhe dirigir a orquestra e manter a disciplina; guarda o dinheiro angariado; prepara a festa do remate... Está sempre com a última palavra em qualquer problema, interno ou externo, da folia.

Auxilia-o, e o substitui, quando necessário, o *contramestre*.

O ALFERES DA BANDEIRA

Toda folia tem a sua bandeira, o estandarte que a identifica, simbolizando, ao mesmo tempo, a jornada dos Magos a Belém e a intenção com que os foliões se dispõem à peregrinação. Por estes motivos, a bandeira representa a folia. A bandeira vai sempre à frente, ladeada pelo mestre e pelo contramestre, carregada por um folião a que se chama *alferes*, *alferes da bandeira*, *bandeirista* ou *bandeireiro*.

Em geral, a bandeira arma-se com paus em quadro, enfeitados de fitas, papel de seda, espelhos, rosas artificiais, emoldurando um motivo religioso, quase sempre em estampa, ocasionalmente pintado ou bordado. A adoração dos Magos é a constante, mas a existência das folias nas proximidades e aquém das fronteiras do Município do Rio de Janeiro acrescentou à bandeira a figura de São Sebastião, seu padroeiro, entre os dias 7 e 20 de janeiro inclusive. Assim, entre o Natal e o dia de Reis, todas as folias trazem na bandeira a cena da Adoração ou os Magos, a camelo, sob a luz da Estrela do Oriente, no caminho de Belém, mas alguns mestres se permitem ajuntar uma ou outra estampa, como a da Virgem, ou exibir de uma vez todos os santos da sua devoção. Depois dos Reis, a estampa de São Sebastião passa a figurar em

todas as bandeiras até 20 de janeiro, dia do seu martirologio — se nela já não figura desde o início da jornada.

Nem sempre, porém, a bandeira tem esta simplicidade. Em 1953, a bandeira da Voz do Disco Guanabara, de João Pacheco (Caxias — RJ), trazia uma estampa da Fuga para o Egito, preparada em macumba carioca, e, no mastro, um galo branco, de barro, e dois Magos, igualmente em barro, acima do quadro, e os instrumentos de suplicio do Cristo, abaixo. João Pacheco explicou-nos que o galo anunciara o nascimento e que, no princípio, somente dois Reis tinham ido em busca do Messias, tendo chegado mais tarde o terceiro. A bandeira do Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro) era u... composição a óleo: no primeiro plano o Anjo Gabriel, a manjedoura, a Sagrada Família, o boi e o jumento e os Magos em adoração ao Menino, sob a luz de uma grande estrela; no segundo plano, um pastor com uma ovelha; abaixo destas cenas, num canto, uma gambá, que teria aleitado o recém-nascido,

A gambazinha benta,
que seu leite ofereceu,
o Menino abençoó
e a Virge agradeceu

de acordo com a explicação do mestre Julinho (Júlio Agrícola da Silva).

Usa-se a bandeira como elemento de cortesia, quando em visita a casas amigas; como fator de disciplina, durante as longas caminhadas da jornada; como aglutinadora de influências diabólicas, se, por acaso, como aconteceu (1952/53) na folia de José Moraes (Caxias) o Malino tenta algum dos foliões, afastando-o dos seus deveres de penitente; e, finalmente, como receptáculo de espórtulas. Com efeito, quando a folia chega a uma casa amiga, a bandeira é a primeira a entrar — e a receber as homenagens do dono da casa. Toda a folia, dentro de casa, forma-se diante da bandeira, se não houver altar, ou ao seu lado, em caso contrário. Se, durante a jornada, ocorre algum ato de indisciplina, o mestre o corrige com a bandeira, ou invocando-a. A simples presença da bandeira junto ao endemoninhado, em geral, basta para fazê-lo voltar a si. Em qualquer ponto da bandeira os amigos da folia, tanto os velhos como os eventuais, dependuram notas-papel, pregando-as com alfinetes, como ajuda para os gastos da jornada. Antes de sair à rua, iniciando a jornada, os foliões rezam ladainhas diante da bandeira, e às vezes levam-na a benzer a uma igreja, depois da hora das missas, se para isso têm permissão prévia do vigário, ou

fazem uma cerimônia equivalente ante um cruzeiro ou um presépio. O término da jornada assinala-se, em definitivo, pela entrega do estandarte, que será estudada a seu tempo.

Elemento de cortesia, a bandeira registra o pesar pela morte de componentes de outras folias com um fumo preto. Se o morto faz parte da folia, duas cerimônias podem ocorrer. Se o folião morre fora da jornada, somente um pano da cor da folia enrola o caixão que os outros foliões, carregando a bandeira, acompanham até o cemitério, em trajes civis. Se, entretanto, morrer durante a jornada — ou se o pedir, mesmo em caso contrário — não somente o morto leva o seu uniforme, como toda a folia, uniformizada, comparece ao enterro. A morte não interrompe a jornada.

A palavra bandeira serve de sinônimo de folia.

O alferes tem por atribuição, não somente carregar a bandeira, mas também guardá-la e defendê-la.

OUTROS TEMAS

Os cânticos de folia referem-se, em geral, apenas ao nascimento de Cristo e à visita dos Magos, e às vezes à fuga para o Egito. Entretanto, o ambiente de religiosidade em que vivem as folias, mais acentuado com a sua chegada à orla da Guanabara e com a concorrência entre os vários grupos de foliões — um fenômeno que, se perdeu o caráter violento, assumiu aqui proporções jamais sonhadas — induz os mestres a buscar outros temas para os seus cânticos — no Velho como no Novo Testamento.

A Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro) canta, sob o título "Compaixão do Criador", a crucificação de Cristo:

Pai e Filho e Espírito Santo
A compaixão do Criador
Para nos salvá de culpa,
padeceu por nosso amor

Não há quem possa entendê
tanto excesso de amor,
como por nós padeceu
o bom Jesus salvador

Sofreu duros tormento,
grandes martírio na Cruz
Morreu para nos salvá
o amado bom Jesus

Na vossa cabeça divina
coroa d'espinho cravado
Entre dores incrive,
fontes de sangue manarô

No vosso divino cabelo,
de sangue todo ensopado,
sangue que muito remiu
o fei' dos nossos pecado

O vosso divino rosto,
cheio d'escarro nojento
Por nossos feio pecado,
Senhor Deus, tanto tormento

Vossos santíssimos olhos
pingaro lágrimas ternas
para salvá nossa alma
do fogo e penas eternas

Vossa divina boca
fel, vinagre amargoso
Por nosso feio pecado
castigo eterno, horroroso

Vosso divino pescôço
forte corda amarrado
De rua em rua com ela
como réu vos arrastarô

Vosso divino ombro
pesada Cruz conduzia
Por nosso feio pecado
mais e mais vos oprimia

Vosso divino peito
foi cruelmente rasgado

A presença de S. Sebastião no misticismo popular carioca é muito grande, por isso suas expressões também estão presentes nas Folias de Reis.

São Sebastião, bom santo guerreiro,
lutô nas mata numa luta co'os cabôco
Era um santo milagroso
Lutô com a Morte e Paixão
A primêra frecha que le jogarô,
a frecha caiu no chão
A segunda frecha jogarô
a image e formosura
pegô no peito direito
da image criatura
A tercêra frecha que jogarô,
essa teve arreceio
Foi na perna esquerda,

Todos diz quanto é hurreno,
quanto é medonho o pecado

Vosso bondoso coração,
aberto por uma lança,
aonde nós todos entramo,
cheio de grande esperança

Todo o corpo de Jesus,
ferido e todo chagado,
pra cumpri as profecia
para quem tivê pecado

Vossa divina mão,
pregada neste madêro
Deliquente nos ficaste,
bom Jesus, Deus verdadêro

Vossos pés sacrossanto
por ferro fôro ferido
Mas foi rasgando a sentença
contra milhões de perdido

um pouco em cima do joêio
Depois da guerra acabada,
que apareceu três demonho,
pegarô a própria image,
amarrarô e acorrentarô
A corrente arrebentô
Os cabôco ve'i adorá
Com as sua palavra santa,
o grande santo a perdoô
Tirô todos os pecado
Os cabôco ajoelhô,
botô o joêio em terra
e as suas armas entregô

FOLIÕES

São no mínimo 12 os foliões, mas, acima desse número, o efetivo da folia pode variar ao infinito. Encontram-se folias com 14, 16, 17, 20, 24, 25 e até 35 figurantes, afora os palhaços, sendo que em algumas delas o total cresce devido, ora à presença de crianças, ora dos fiscais.

A vestimenta pertence à folia e não pode ser usada senão durante a jornada. Em geral, os foliões, sobre calças ou saias brancas de sua propriedade, vestem blusa (mulheres), blusão ou túnica (homens), e trazem boné com as cores da folia, fornecidos pelo mestre. Quando os foliões usam dólma, trazem também cinturões e talabartes, à maneira militar. Se, porém, usam blusões, estes caem, soltos, por cima das calças. Quanto aos bonés, são enfeitados com espelhos e flores artificiais. O gosto e a fantasia pessoal do mestre dão à larda característicos próprios, acrescentando-lhes fitas, dragões, bordados e alamares.

Dentre os foliões destaca-se o mestre por pequenas particularidades de traje.

Os foliões dispõem-se em coluna, a dois de fundo, com o mestre (esquerda) e o contramestre (direita) a encabeçar as filas. Entre estes dois, está o alferes, carregando a bandeira. Os palhaços, que têm liberdade de movimentos, — e também nisto se distinguem dos demais foliões — saracoteiam dos lados ou à retaguarda da folia, mas nunca à frente da bandeira.

À exceção do alferes e do fiscal, e ocasionalmente do mestre, todos os foliões são músicos — é é nessa qualidade que participam da jornada.

MÚSICOS

Todo folião toca um instrumento qualquer e ajuda no canto. Os instrumentos mais comuns da folia são a viola e o cavaquinho, a sanfona, a caixa de guerra, o triângulo (*triângo*), o pandeiro e o bumbo. A sanfona, essencial na folia, muitas vezes encontra substituto na harmônica. Além destes instrumentos encontram-se em várias folias o chocalho, o violão e o tarol, sendo mais raros o banjo, a cabaça, o reco-reco e a caixa-ré.

Em marcha, os instrumentos de corda, violas e cavaquinhos, vêm sempre à frente, às vezes acompanhados da sanfona, enquanto os instrumentos de percussão, caixa de guerra, pandeiro, triângulo e bumbo, são os últimos. O bumbo geralmente fecha a marcha. Os instrumentos mais novos na folia dispõem-se entre esses extre-

mos. Esta regra admite, porém, um sem-número de variações.

A sanfona — ou a harmônica — parece ocupar o primeiro lugar na hierarquia dos instrumentos, pois os demais a acompanham nas tocatas. O mestre convoca em primeiro lugar a sanfona, quando a folia deve entoar os seus cânticos — muitas vezes o mestre se coloca ao lado dela — e os palhaços, quando se dirigem à orquestra, fazem-no ao sanfoneiro, o tocador de sanfona. O triângulo e o bumbo identificam a música de folia, o bumbo mais do que o triângulo — sendo inconcebível uma folia que os não tenha entre os seus instrumentos. O bumbo dá o ritmo peculiar da música de folia, caindo como uma exclamação vigorosa ao fim de cada frase musical. Assim como o tocador de sanfona se chama sanfoneiro, o de triângulo se chama triangueiro, o de caixa de caixairo e o de pandeiro, pandeirista. Os instrumentos de corda podem ser chamados, em conjunto, violaria.

Todos estes instrumentos pertencem ao mestre, que os com-
prou, e são utilizados somente durante a jornada. Só em casos extremamente raros um ou outro folião leva consigo o seu instrumento particular. Quando a folia se recolhe, depois de alguma saída da jornada, os instrumentos são depositados na casa do mestre. E, ao terminar o período de peregrinação, lá ficam, embrulhados, à espera do Natal seguinte. Nem sempre o mestre fez parte da orquestra, mas sempre sabe tocar algum dos instrumentos da folia.

Os músicos são também cantores. A maioria apenas acompanha, num resmungo fanhoso, os versos que o mestre canta ou improvisa, com o contramestre e um ou outro folião mais chegado. Outros apenas pronunciam a exclamação *ai!*, arrastada, dorida, langorosa, com que se inicia e termina cada verso dos cânticos e que serve como uma tomada de fôlego, uma inspiração profunda, depois da emissão de voz no canto. Penetrante, esgançado, ora em falsete, ora em prolongados agudos, o coro dos cantores se completa com o timbre extraordinário feminino, da voz de soprano de algum folião que eleva um fio de som algumas escalas acima dos demais. O esforço exigido das cordas vocais dos foliões obriga-os a fechar os olhos, suspender a cabeça, fazer esgares e abrir desmesuradamente a boca, às vezes inclinando o busto para trás. O canto desaparece, aliás, abafado pela música.

Já indicamos que da música e do canto estão excluídos os palhaços.

PALHAÇOS

Há unanimidade na opinião de que os palhaços representam os soldados de Herodes, perseguidores do Menino, mas esta una-

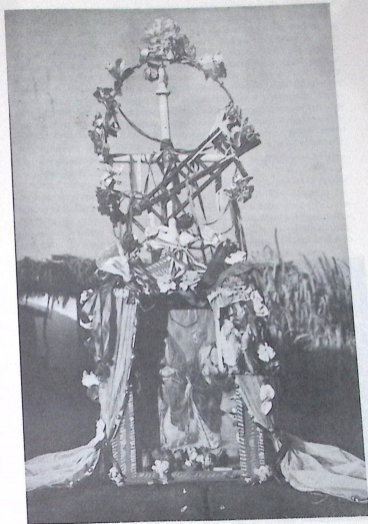
nimidade admite muitas variantes. Alguns mestres dizem que os palhaços são Herodes, outros levantam a alternativa Herodes ou Satanás. Para os espectadores da folia, e para o povo em geral, os palhaços "têm parte com o diabo". Sabem-no, e proclamam-no, aliás, os palhaços. Bredeguedes, da Folia Oriente Santa Maria (Caxias/RJ), ao findar a jornada, despediu-se da sua extraordinária vestimenta com as seguintes palavras:

Despeço da minha farda
de todo o meu coração,
porque ela a mim não pertence
e é da parte do Cão...

A circunstância de haverem perseguido o Menino explica, naturalmente, a qualidade diabólica que os foliões atribuem aos soldados de Herodes.

O palhaço veste-se como lhe parece melhor, mas deve estar descalço e trazer máscara no rosto. A roupa e a máscara são de sua concepção — e habitualmente a máscara, pelo menos, é confeccionada pessoalmente pelo palhaço, com latas, peles de animais ou pano. Dentes, bigodes, narizes, orelhas, chifres, assumem formas e proporções as mais estapafúrdias, de maneira a garantir ao palhaço, de antemão, a hilaridade do público. O corpo do palhaço está envolvido numa *lagartixa* ou numa espécie de pijama de pano colorido, geralmente chitão, tendo às vezes uma gola estelar, de que pendem guizos, os braços e as pernas completamente cobertos, mas com folga suficiente para permitir a mais ampla liberdade de movimentos. Fitas, guizos, dentes de jacaré ou de onça, remendos, espelhos — tudo o que possa parecer ao palhaço que torne mais original o seu aspecto — enfeitam a máscara e a roupa. Para completar a indumentária, trazem os palhaços um porrete em que se apóiam, com que arremetem contra as crianças e por cima do qual pulam durante as suas exhibições.

O normal é que haja três palhaços em cada folia, escalonados em primeiro, segundo e terceiro palhaços, mas algumas folias têm somente dois. A folia não pode sair sem os seus palhaços. O palhaço usa nomes de guerra, mas nada impede que revele a sua verdadeira identidade, e até mesmo suspende ou tira a máscara nos momentos de descanso, para se aliviar do calor e do suor. Eis alguns apelidos: Arranca-Toco, Ventania e Sete Encruziada, da Estrela do Oriente (Caxias, RJ); Bem-Te-Vi, Pinta Preta e Jiló, da Cruzeiro do Sul (Morro do Salgueiro, Rio de Janeiro, RJ); Pimenta e Sabonete, da Estrela do Oriente (Caxias, RJ).



Bandeira da Folia de Reis Voz do Disco Guanabara — RJ



Folia de Reis do Morro do Salgueiro — Mestre Júlio Agrícola — RJ

O palhaço constitui a grande atração popular da folia — e é incalculável o número de crianças que se aglomeram à sua volta, quando a bandeira se detém à porta de alguma casa amiga, ou, encontrando outra folia na estrada, pára, a fim de trocar as saudações de praxe. O pretendente a palhaço deve fazer um aprendizado de sete anos, um estágio de prova durante o qual recebe instruções sobre como comportar-se na folia e como fazer para libertar-se da parte que tem com o diabo. Vendo-os a saracotear pelas estradas ou a dançar, com saltos, cabriolas e meneios incríveis, diante das casas em que pára a folia, a mexer com os circunstantes, a arrelhar as crianças, completamente à vontade na sua função de divertir o público, ninguém poderá imaginar o sem-número de restrições que cercam os palhaços e limitam a sua atividade. Daí a necessidade do aprendizado, que, aliás, não parece estar sendo continuado na zona estudada.

Em marcha, os palhaços não podem ficar nem passar à frente da bandeira; permanecem ao lado ou atrás dela. Em algumas folias, não podem ultrapassar o mestre. Quando a folia entoa os seus cânticos, os palhaços não podem cantar — e somente nos intervalos entre um e outro verso podem soltar exclamações ou monossílabos, em tom jocoso, no ritmo da música, especialmente coincidindo com as batidas regulares do bumbo. Não podem tocar, sequer, na bandeira. Se a noite surpreende a folia em marcha, os palhaços têm de postar-se perto da bandeira, para se proteger das influências diabólicas. Se a folia visita uma casa amiga, os palhaços ficam de fora. Podem entrar, porém, sob certas condições. Se há um oratório na casa, têm de pedir licença, e obtê-la, antes de entrar; se há um presépio, têm de tirar a máscara. Em qualquer caso, porém, só podem entrar depois que a folia tiver cantado em louvor dos Reis e agradecido a hospitalidade. O mais comum — já que a visita se prolonga por cerca de uma hora em cada casa — é que os palhaços permaneçam na rua, divertindo a criançada. Quando chega a vez do palhaço dançar, não pode fazê-lo em ambiente fechado, mas ao ar livre, e o dinheiro que os espectadores atiram ao chão, para que ele o recolha, lhe pertence exclusivamente: nenhum folião ousaria, sequer, tocar nas moedas, nem mesmo para entregá-las ao seu dono. Durante a festa do remate — o encerramento solene da folia em cada ano — os palhaços despojam-se da farda antes dos demais figurantes e participam do repasto comum em mesa à parte da dos foliões.

E, além de todas estas restrições, os palhaços estão sujeitos, como todos os outros componentes da folia, à estrita disciplina que estudaremos oportunamente.

Eis que chega, afinal, a vez dos palhaços, depois dos cânticos da folia — seja durante um encontro de bandeira, seja depois de uma visita a casas particulares. Os foliões dispõem-se em arco, à vontade, como uma orquestra qualquer, tendo ao centro o sanfoneiro, enquanto os pábulos e gaiatos palhaços assumem a direcção do espectáculo. Observa-se, escrupulosamente, a hierarquia: o primeiro palhaço exhibe-se antes dos demais, passando a vez ao segundo e este, por fim, ao terceiro. Inicia-se a chula, ritmada, a pequenos intervalos, pelo bumbo. Ao pisar o círculo formado pelos espectadores, o palhaço faz parar a música e maneja o seu porrete espalhando as gentes, enquanto, em quadras ou sextilhas, identifica-se pelo seu nome de guerra e dá largas à sua gabolice, contando as mais extraordinárias proezas num jeitão popular que lhes assegura a atenção e as gargalhadas do público. Quando decide interromper a declamação — os palhaços recitam depressa, ofegantes, avançando e recuando, — volta-se para a orquestra e solta uma exclamação qualquer ou pergunta, como à espera de confirmação: — Não foi, sanfoneiro?

A orquestra volta a tocar — e o palhaço dança. Não há regras estabelecidas para a dança dos palhaços, que, neste particular, como no caso da máscara e da vestimenta, podem explorar à vontade a sua fantasia e as suas possibilidades físicas. Há, entretanto, alguns passos, truques e facécias que são comuns a todos.

O palhaço não canta nem recita ao mesmo tempo que dança. Durante a exibição dos palhaços os espectadores atiram moedas ao chão, em sua homenagem. O palhaço cata-as com sofreguidão, saltando, afastando os circunstantes com o porrete, ao mesmo tempo que incita o público a atirar mais dinheiro:

Chove, São Pedro,
que amanhã eu venho mais cedo!

Não há limite de tempo para a exibição dos palhaços, abreviada apenas por ordem do mestre, em vista do cansaço geral ou da distância ainda a percorrer nesse dia.

DISCIPLINA

Todos os foliões, os palhaços inclusive, estão sujeitos a uma estrita disciplina.

A obediência é geral ao mestre ou aos seus delegados, o contramestre, o caso mais comum, o alferes ou, quando existe, o fiscal. Não costuma haver briga entre os foliões, pois os mestres têm o

cuidado de escolher os seus companheiros de jornada entre os mais bem-educados e compreensivos. E, quanto aos palhaços, as artes do ofício não somente lhes ensinam a aceitar as coisas por menos, como criam à sua volta um ambiente de tolerância e de cordialidade em que a zanga se torna uma possibilidade remota. Modestos e humildes, os foliões parecem acanhados e inibidos diante de estranhos, exceto quando a folia está em função, e em geral se mantêm discretamente a distância dos circunstantes.

A restrição mais rigorosa refere-se à bebida. Muitos mestres não admitem que os seus foliões tomem uma gota, sequer, de álcool, durante toda a jornada, mas outros o permitem, de quando em vez, embora sob o seu rigoroso controle ou da pessoa incumbida de disciplina. Nenhum folião pode afastar-se muito da bandeira, nem desaparecer da vista dos seus companheiros, nem entrar sem licença do mestre em botequins ou armazéns.

Como as visitas a casas amigas, a hora de comer, o sinal de partida, o regresso a casa, etc., são de deliberação exclusiva do mestre, compreende-se que sejam raras as ocasiões de divergência violenta. Se, entretanto, se desavierem os foliões, o mestre usa da sua autoridade para acalmá-los, fazendo-se acompanhar da bandeira nos casos mais graves, e a paz — embora com resmungos e clhares de esgelha — volta a reinar na *compania*. O voto feito pelos foliões e a intenção de penitência com que se faz a jornada são argumentos poderosos para esfriar os ânimos.

A simpatia geral que cerca a folia neutraliza a possibilidade de barulho ou de pancadaria com estranhos, como a autoridade do mestre e as exigências da disciplina contêm os excessos dentro do grupo. A folia movimentada-se em paz, levando às gentes a sua mensagem cordial.

SETE ANOS

Sete anos deve qualquer dos componentes da folia empreender a jornada dos Reis, quer continuamente, quer com interrupções, na mesma folia ou em outra qualquer. Entende-se, naturalmente, que cada ano compreende uma jornada completa.

Quando um mestre decide sair em peregrinação, sabe que terá de cumprir o setênio para que se considere quite com a promessa que habitualmente o impelle a organizar a sua folia. Os foliões também fizeram promessa — e não podem fugir aos sete anos de jornada. Acredita-se, em geral, que a penitência — muitas vezes os foliões referem-se a si mesmos como *penitentes* — atrai as bênçãos do céu para os elementos da *compania*, resguardando-os de

moléstias, de infelicidades e de tentações diabólicas. Os palhaços, mais do que ninguém, estão na obrigação de *tirar* os sete anos. Têm parte com o diabo — são os soldados de Herodes — e somente através da árdua penitência da máscara poderão livrar-se dos seus influxos maléficos.

Depois de cumpridos os sete anos, estão os foliões desobrigados com a folia. Poderão continuar a sair, à vontade, neste ou naquele ano, contanto que completem a jornada de cada vez — a menos que façam nova promessa.

CÂNTICOS

A folia entoa cânticos próprios, devidos principalmente ao mestre, mas algumas vezes também ao contramestre ou a outros foliões com pendores intelectuais.

Em geral, referem-se apenas ao nascimento de Cristo e à visita dos Magos, e às vezes à fuga para o Egito. Entretanto, o ambiente de religiosidade em que vivem as folias induz os mestres a buscar outros temas para seus cânticos no Velho como no Novo Testamento.

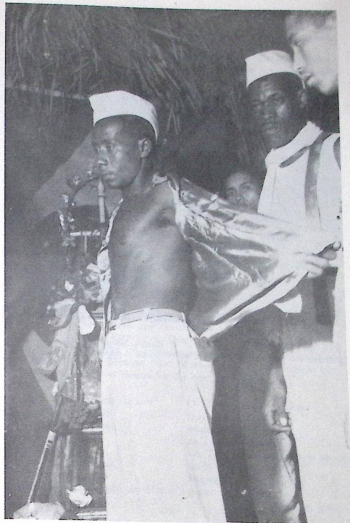
Há pouca originalidade na música, que parece já tradicionalizada, admitindo versos de mais ou menos sete pés, em quadras ou sextilhas, e a pancada rítmica do bumbo. Os versos, exprimindo intenções e capacidades diferentes, são um campo aberto à iniciativa pessoal.

Nem sempre, porém, os cânticos são originais. Há em todos eles versos, expressões, maneiras de dizer, que são comuns aos de todas as folias de que temos notícia no País. O tom bíblico dos cânticos acentua-se mais ou menos, dependendo do maior ou menor conhecimento que o mestre tenha do livro.

O catolicismo popular, e mais particularmente as crenças referentes ao Natal de Cristo, dão o toque final aos cânticos da folia.

Os cânticos são de duas espécies, as saudações (*louva*) e as *profeCIAS*, ou seja, os cânticos de ocasião, para saudar o dono da casa, uma outra bandeira que se encontre em marcha, um presépio, etc., e os cânticos de motivo bíblico, em torno de episódios relacionados com a Natividade.

Há talvez uma terceira espécie, os cânticos em louvor de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, mas este acréscimo é tão recente que ainda não há um nome genérico para designá-los.



Cena do desfardamento de um folião de Reis — RJ



Folia de Reis Flor do Oriente — O mestre Sebastião, filho do mestre Vicente, é o continuador da Folia, sobrevivendo o costume e a tradição - RJ

O MISTÉRIO DA CONCEPÇÃO

A concepção de Maria vem contada, com sabor peculiar, nas profecias.

Em alguns casos, como neste exemplo da Estrela d'Alva (Mesquita, Nova Iguaçu), todo o episódio, desde a Anunciação, se narra sumariamente:

Em vinte e cinco de março veio um Anjo anunciando Vem na Virge o vosso ventre e do Senhor Verbo Encarnado	Vinte e cinco de dezembro nove mes completava e nasceu o Menino-Deus que Nossa Senhora esperava
--	--

Outras vezes, porém, os foliões entram em mais pormenores, descrevendo, à sua maneira simples, as misteriosas circunstâncias da concepção.

Também o nascimento de Cristo vem narrado nas profecias, com a unção bíblica peculiar a estes cânticos das folias. Há, naturalmente, certos pormenores que, embora não estejam na Bíblia, fazem parte do episódio, tal como o concebe o catolicismo popular.

Por exemplo, os animais do estábulo. Para os foliões, o boi, que aqueceu o Menino com o seu bafo, vale mais do que a mula, que, comendo na manjedoura, lhe descobria o corpo.

OS REIS MAGOS

A estória dos Magos, nos cânticos de folia, diverge dos Evangelhos ou lhe acrescenta pormenores de legítimo sabor popular.

Manuel Jorge (Estrela do Oriente, Rio de Janeiro, RJ) faz tábua rasa do encontro de Herodes com os Magos e do seu interesse em localizar o Menino (São Mateus, 2:1-12), afirmando que, ao contrário, procurou desviá-los do caminho de Belém:

Os Três Reis quando subero que Jesus era nascido batêro pr'a estrebaria, arrearo três cavalo e tocaro a viajar percurá Menino-Deus, percurando até achá Encontraro o marvado do Heroi	O Heroi, por sé malino, malino e traidô, ensinô os Três Reis às avessas o caminho Os Três Reis, por sé um santo, nada disso s'importô Seguiro o seu caminho duma estrela da guia quem guiô
--	--

AS CHULAS DOS PALHAÇOS

Palrador por natureza, o palhaço declama as suas chulas aos ofegos, em voz rouca e nem sempre inteligível, em virtude da gímnica e da gritaria que fazem parte do seu papel. Todo palhaço dispõe de um variado repertório, que utiliza, no momento oportuno, mas nem sempre esse repertório é original, pois não somente o palhaço imita os seus colegas como decora versos, estórias rimadas e trechos de emboladas e desafios publicados nos inúmeros folhetos da literatura de cordel.

A chula conta uma estória impossível, absurda, que provoca o riso e a gargalhada exatamente por este motivo. Há, nela, muita semelhança com as emboladas do Nordeste. Como exemplo, a seguinte chula do palhaço A Jato, da Oriente Santa Maria (Caxias, RJ):

Eu tava deitado na cama,
naquele sono primêro
A pulga me deu um coice,
me tirô do trêvissêro
Mas eu tinha dois cachorro,

chamado Ferro, Ferrêro
Tasquei o cachorro na pulga,
a bicha saiu pro terrêro
Tirei o côro da pulga,
fui vendê pro sapatêro

BIBLIOGRAFIA

- ANTONIO, Carlos — Folias de Reis. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1953.
- ARAUJO, Alceu Maynard — *Folclore nacional*. Vol. 1. Festas, bailes, mitos e lendas. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1964.
- BRUNO, Ernani Silva — Folias de Reis: seu giro e seu pouso. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 11 jan. 1970.
- CARNEIRO, Edison — Elementos novos no folclore carioca. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1955.
- CASTRO, Zaide Maciel de — As folias de Reis na Guanabara. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 dez. 1968.
- CASTRO, Zaide Maciel de e COUTO, Aracy do Prado — *Folias de Reis*. Guanabara, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1961.
- — — — — Músicos e cantores de folia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1957.
- COUTO, Aracy do Prado — As folias de reis no Rio. *Paratodos*, Rio de Janeiro, São Paulo, 1.^a quinzena, 1957.
- FELIPE, Carlos — Os três reis. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 6 jan. 1966.
- FOLIA desceu na Babilônia com Ano Novo para reverenciar Magos no Leme. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1960.
- FOLIAS de Reis está na rua. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1963.
- FOLIAS de Reis poderão ser vistas até o dia 20. *O Fluminense*, Niterói, 8 jan. 1974.
- FOLIAS de Reis: quando a fé tem muito de Carnaval. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1969.
- FOLIAS de Reis têm caráter sagrado, comida e palhaços. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1968.
- OS FOLIÕES de Reis. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1957.
- GIFFONI, Maria Amália Corrêa — Manifestações coreográficas na religiosidade brasileira. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, 11(31): 263-288, set./dez. 1971.
- HOJE tem folia de reis na Cinelândia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1964.
- LIMA, Rossini Tavares de — *Folgedos populares do Brasil*. São Paulo, Ricordi [1962].
- — — — — Já saíram de viagem para visitar Menino Deus. *A Gazeta*, São Paulo, 24 dez. 1954.
- O LONGO caminho dos reis. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1977.
- MENDES, Alípio — Reis e pastorinhas. *Boletim da Comissão Flu-*

minense de Folclore, Rio de Janeiro, 1(2), 1970.

MÚSICOS e cantores de folia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1957.

PAIXÃO, Sílvio — O capeta está solto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1970. (Ed. fluminense.)

QUEIROZ, Rachel de — Folia dos Santos Reis. *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1952, e *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1952.

REISADO, folia e desafio na "Noite de Reis" do Montanha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1965.

OS SANTOS Reis. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1953.

TRINDADE, Solano — As folias de Reis. *Manchete*, Rio de Janeiro, 6 fev. 1954.

UMA folia de reis visita o presépio do Museu da Cidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1955.

DISCOGRAFIA

FOLIA DE REIS — Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro, n.º 4 (compacto). Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Folia de Reis
ESTRELA DO ORIENTE
Morro da Babilônia, Leme — Rio de Janeiro, RJ

Sanfona

Percussão

Canto

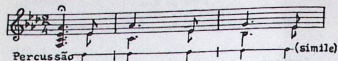
* Variante:

etc.

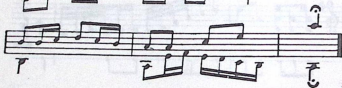
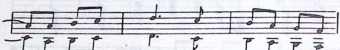
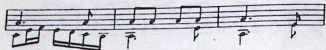
The musical score is written on five staves. The first staff is for the Sanfona (Saxophone) in G major and 2/4 time, featuring a rhythmic melody. The second staff is for Percussão (Percussion), showing a simple rhythmic pattern. The third staff is for Canto (Vocal), with lyrics 'sanf.' and a melodic line. The fourth staff is a piano accompaniment with chords. The fifth staff is a 'Variante' (variant) of the vocal line, also with lyrics 'etc.'.

Transcrição de Rosalba Marchesini

Andante



(simile)

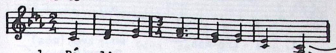


Transcrição de Rosalba Marchesini

Folia de Reis
FLOR DO ORIENTE
Caxias, RJ

Chegada

Lento



1. Dá li - cen - ça no - bre se - nhor
2. Ta - mos tra - zen - do a - le - gri - a
3. Ta - mos tra - zen - do a - le - gres no -
4. É o Je - sus ne - to de A -
5. Ai os três Reis quan - do su - be -
6. E sa - i - ram pra pro - cu - rar



1. — Ai que o tem - po é che - ga - (do)
2. — E do Je - sus a - nun - ci - a - (do)
3. vas E deu - ma ar - ve que flo - res - - (ceu)
4. na É que de Na - ri - (*)
5. ram E que Je - sus e - (*)
6. — O Ne - ni - no Deus con - ce - bi - (do)

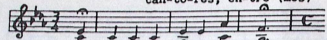


- (*) - a nas - ceu
(*) - ra nas - ci - (do)

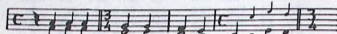
Transcrição
de
Rosalba
Marchesini

Adoração

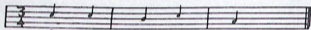
can-to-res, en-tre (mos)



1. En - tre - mos, en - tre (mos)
Tenorinos



É por és - te sa - lã - o do - ra - çã - o É por és -

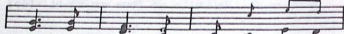


te sa - lã - o do - ra (do)



2. Eu vou en - tran - do eu vou sal - van - do É pra sem -

Tenorinos



pre se - ja lo - va - do É pra sem -

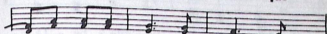


pre se - ja lo - va (do)



3. É os tres reis do O - ri - en -

4. Ta - mos fa - zen - do as o - ra - çã - o



-te E na som - bra do seu te -

E que de Deus sa - mos man -



lha - do É na som - bra do seu te - lha (do)
da - do E que de Deus sa - mos man - da (do)



5. Na mi - nha ban - de - ra eu tra -

6. É - le vem le vi - si - tar



-go É san - to de gran - de vir -

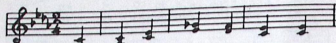
E vem le tra - zer a sa -



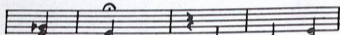
tu - de É san - to de gran - de vir - tu (de)

u - de E vem le tra - zer a sa - u (de)

Despedida



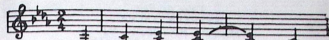
1. Que Deus le pa-gue a be - la o -
2. E os três reis que le a -
3. E os três reis que se des -
4. E - le vos con - vi - da pra
5. E a - deus se - nho - res, se -
6. E a - deus to - dos des - ta
7. E de en - tre - ga nos - sa ban -



- fer - ta Ai que vos
 - ju - da, ai Que Deus le
 - pe - de, ai E do Je -
 fes - ta No di - a
 - nho - ras E a - deus
 ca - sa E a - te
 - dei - ra Pe - la mao



deu de co - ra - ção, ai
 o - men - te as por - ção, ai
 sus ver - da - dei - ro, ai
 vin - te de ja - nei - ro, ai
 cri - an - ças tam - bem, ai
 pa - ra a - no que vem, ai
 do meu por - ta - dor, ai



1. E a - cor - dai se
2. Ai es - te so no
3. Ai o can - tar da
4. E a - cor - dai se
5. A noi - te que Je -
6. E la es - ta vam
7. E nes - ta noi te
8. Com a - le - gri a



'sta dor - min --- (do) Des - te so -
 tao pro - fun --- (do) No nos - so
 mei - a noi --- te, Ai e um
 'sta dor - min --- do E con - so -
 sus nas - ceu --- E foi não
 os pas - to --- (res) E a - vi -
 ven - tu - ro --- (sa) E gra - ças
 nos lo - ve --- (mos) Que a Ma -



no ce - les - ti - al, ai.
 cor po - sao mor - tal, ai.
 can tar ex - ce - len - te, ai
 lai quem 'sta do - ep - te, ai
 lon ge de Be - lem, ai.
 sa --- (dos) fo - ram tam - bem, ai.
 ri de - mo a Je - sus, ai.
 a deu a luz, ai.

Folia de Reis
ESTRELA D'ALVA
Mesquita, Nova Iguaçu, RJ

♩ = 100
(Harmônica)

CANTO

(Oí) vi - nhe - ro do O - Fi - en -
(Oí) Che - ga - ro em Je - ru - sa - lem,

ACOMPANHAMENTO

Cordas

Percussão (simile)

1.ª 2.ª

te, ai, te, ai. Os três Reis Ma - go vi - a -
ai, ai. (Aí) He - ro - de foi pro - gun -

ja - ro. Os ro a 1.
ta, ai. Aí a 1.

(harmônica)

DC

(Canto) Aí,

* Percussão fortemente batida.

Variantes da percussão:

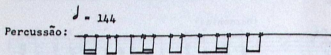
etc. etc.

Letra — Disposição de uma quadra

- (Oí) — Vinhero do Oriente, ai
Vinhero do Oriente, ai
Os três Reis Mago viajaro
Os Reis Mago viajaro, ai (bis)
- (Oí) — Chegaro em Jerusalém, ai
Chegaro em Jerusalém, ai
Herode foi progunta, ai
Aí, Herode foi progunta, ai (bis)

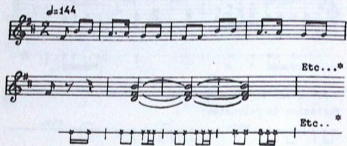
Transcrição de Lucy Mesquita Munk

Palhaços



Exemplo das múltiplas improvisações com a harmônica. Essas variações precedem sempre a percussão:

$\text{♩} = 144$



- * Via de regra, cerca de 8 compassos.

Transcrição de Lucy Mesquita Munk

Capa: Alguns instrumentos usados nas folias — RJ
PROGRAMAÇÃO GRÁFICA DE EVOLUARTE GERADORA PROMOCIONAL — 1977

Imp. Gráfica MEC Editora Ltda.